HISTÓRIA E LITERATURA: UM DESTAQUE NA OBRA AUTOBIOGRÁFICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

*HISTORY AND LITERATURE: A
HIGHLIGHT IN THE AUTOBIOGRAPHIC WORK OF
CAROLINA MARIA DE JESUS*

Romildo Rodrigues Neves Júnior¹

Universidade Federal de Catalão (UFCat)

Resumo: O presente artigo tem por objetivo problematizar algumas considerações acerca do campo da Literatura e da História. Para realizar o estudo, levamos em consideração a obra autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, *Diário de Bitita* (1986) à qual é possível realizar uma análise da conjuntura histórica na primeira metade do século XX. Tendo como referência os literatos e historiadores que abordaram esses campos, foi possível obter resultados dos quais destacamos a importância que se faz do entrelaçamento da Literatura e História para uma leitura sensível do passado.

Palavras-chave: História;
Literatura; Autobiografia

Abstract: This article has as objective to problematize some considerations on the Field of Literature and History. To carry out the study, we take into account the autobiographical work of Carolina Maria de Jesus, *Diário de Bitita* (1986), to which it is possible to carry out an analysis of the historical conjuncture in the first half of the twentieth century. With reference to the writers and historians who approached these fields, it was possible to obtain results of which we emphasize the importance that is made of the interweaving of Literature and History for a sensitive reading of the past.

Keywords: History; Literature;
Autobiography

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC) e mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História, Cultura e Formação de Professores da Universidade Federal de Catalão (UFCat), sob orientação do Prof. Dr. Valdeci Rezende Borges (PPGH-MP). E-mail: romildoufg@hotmail.com.

Os estudos entre História e Literatura passam a ser um rico campo de pesquisa para essas duas áreas, sobretudo no Brasil a partir dos anos de 1990 e foi ganhando forças e se desenvolvendo até os dias atuais. Nas décadas de 1980 e 1990, a aplicação e os entendimentos da Nova História Cultural começaram a alargar suas fronteiras, e sua visão de representações de mundo ganham espaço, graças à interdisciplinaridade de áreas como Antropologia, Psicologia, Sociologia, Ciências Políticas, Linguagens (Literatura) com a História.

Assim, em especial a literatura assume um novo papel dentro da historiografia. Agora estando como suporte para mostrar as análises acerca das diversas facetas que o mundo apresenta, não somente concreto, mas com pitadas de subjetividades dos homens que também fazem parte desse tempo e espaço da mesma literatura.

Entender esse processo dentro da Literatura e da História é permitir-se, pois, na medida em que essas duas áreas se envolvem, elas nos possibilitam analisar o mundo à nossa volta, portanto, aproveitar desses diálogos é ampliar as fronteiras do conhecimento. Enclausurar-se já não é mais a questão dentro das vertentes do saber, na medida em que usamos da História como teoria e da Literatura enquanto ficção para expor um fato. Estamos propondo dar continuidade à articulação entre os ofícios de historiador e literato.

O presente artigo tem por objetivo desenvolver e problematizar algumas considerações acerca do campo da Literatura, em especial a literatura autobiográfica destacando elementos essenciais da obra póstuma de Carolina Maria de Jesus² na sua obra *Diário de Bitita* (1982) e da História enquanto teoria e disciplina.

² Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais. Foi criada por sua mãe, lavadeira, com mais sete irmãos. Com o apoio de uma das freguesas de sua mãe, é matriculada aos sete anos no colégio espírita Alan Kardec, onde desenvolve interesse pela leitura e pela escrita. Durante a infância e a adolescência, Carolina vive em diversas cidades do interior de Minas e São Paulo, quase sempre trabalhando como lavradora. Em 1937, Carolina se muda para a cidade de São Paulo e vai morar na favela do Canindé, na zona norte da capital paulista. Trabalha como catadora de papel e, nas horas vagas, registrava o cotidiano da favela em cadernos que encontrava no material que recolhia. Em 1960, o livro autobiográfico "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", com edição de Audálio Dantas, é publicado com uma tiragem de dez mil exemplares. Com o sucesso das vendas, Carolina, recebe homenagens da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. Nos anos seguintes, publica "Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada" (1961); "Pedacões da Fome" (1963) e "Provérbios" (1965). Apesar do sucesso

A historiadora, escritora e poeta Sandra Jatahy Pesavento destaca que os homens “[...] desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música”. (2006, p. 2) O que para os historiadores do século XIX parecia inimaginável, com a Nova História Cultural, os estudos de História passaram a levar em consideração todas essas produções e expressões do ser humano para se entender o processo histórico, e com essas ações os homens e mulheres inseridos(as) na sociedade produzindo cultura.

Para Clifford Geertz (2012, p. 24), o conceito de cultura está para além de “[...] um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível [...].” Cultura, que segundo esse autor, é um sistema de signos interpretáveis, de símbolos com significados que os próprios seres humanos teceram os quais são entrelaçados como em uma teia. Assim, ele assume a Cultura como sendo essas teias que tem seus significados decifrados por meio de um procedimento interpretativo. (GEERTZ, 2012, p. 15).

Uma das formas de expressão e representação da cultura de um povo é através da arte, em especial da Literatura, pois é através dessa que a língua, como instrumento de comunicação e produtor de identidades, realiza algumas de suas funções sociais, se fazendo conhecida e tornando-se possível a sua manifestação. Além do mais, percebemos uma estreita relação entre a História e a Literatura que são formas diferentes de observar, dizer e descrever o mundo. Para Pesavento (2012, p. 81- 82), a História e a Literatura são capazes de:

editorial inicial, aos poucos a escritora retorna à condição de catadora de papel e é praticamente esquecida. No dia 13 de fevereiro de 1977, Carolina Maria de Jesus falece em São Paulo. Outras seis obras foram publicadas após sua morte, compiladas a partir dos cadernos e materiais deixados por ela. Em 2017, sua história foi registrada por Tom Farias em “Carolina – Uma Biografia”, publicada pela editora Malê. Dentre essas obras póstumas, está o livro do qual usaremos nesse artigo para estudo e análise, intitulado “Diário de Bitita” (1986). Concentraremos especialmente em algumas considerações teóricas e depois sobre o tema da Revolução de 30, assim como a questão das desigualdades étnico-raciais geradas pela escravidão.

[...] explicar o presente, inventar o passado e imaginar o futuro. São ambas as formas de representar inquietudes e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor. A literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos [...]. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário.

Através da literatura é possível ao homem lidar com suas necessidades, anseios, expectativas, sonhos e sublimar os seus desejos e fantasias, além de se reconhecer enquanto sujeito no mundo em que está. Sem falar na possibilidade de reencontro das épocas passadas com a contemporaneidade que ela proporciona e o contato com as gerações passadas. Por conseguinte, acessar um texto literário, seja ele uma figuração do tempo atual ou passado é poder acessar relações sociais e culturais que naquele estão ancoradas e resguardadas de cair no esquecimento.

O sociólogo e crítico literário Antonio Candido (2004) aponta que a literatura tem uma função humanizadora e transformadora, devido a sua complexidade enquanto forma de representação não só da cultura, mas das emoções de quem escreve e de quem lê, bem como é conhecimento no sentido amplo da palavra. Walter Benjamin (1996 apud BARONE, 2007, p. 116) destaca outra característica da Literatura, que está baseada na “[...] ideia da função terapêutica da narrativa, na medida em que narrar permite a transmissão de ‘experiências’ humanas e ao narrar é possível organizar experiências traumáticas, caóticas, díspares, abrindo espaço para a construção ou reconstrução da identidade e do mundo do leitor.”

Na medida em que entendemos que a Literatura é formadora de identidades culturais, podemos perceber o quanto de nós há na Literatura, pois começamos a identificarmo-nos com os momentos históricos vividos, figurados e compartilhados entre nós e o social. Como vimos, essa identificação vai se dando através do imaginário veiculado e experimentado em comum entre os sujeitos sociais. Na esfera ampla da produção literária, um gênero literário que consegue nos envolver e desvelar o mundo da representação, o campo do

imaginário, é o estilo de escrita autobiográfica, uma das formas de narrativas de si.

Leonardo dos Santos Neves e Helder de Moraes L. Pinto (2013, p. 9) destacam que o “[...] gênero (auto)biográfico tem sido objeto de estudos por historiadores, em especial micro-historiadores, na medida em que coloca no centro da atividade de pesquisa dois problemas nucleares e pouco resolvidos para a História: a memória e a relação entre indivíduo e meio social.” Narrar sobre si, portanto, narrar sobre a história de si é permitir-se entrar no mundo onde articular lembranças e vivências passa a ser o ponto central da escrita na qual impera a experiência.

Quando narramos estamos publicizando uma história e em se tratando de construção escrita o processo pode ser doloroso, pois, como afirma o sociólogo Michel Pollak (1992, p. 213), “[...] uma pessoa a quem nunca ninguém perguntou quem ela é, de repente ser solicitada a relatar como foi a sua vida, tem muita dificuldade para entender esse súbito interesse. Já é difícil fazê-la falar, quanto mais falar de si”.

Mas porque dizer de nos parece ser algo tão difícil de fazer? Acreditamos que ao tentarmos construir essa fala, muitas coisas ocorridas são revistas e buscamos acessar o significado delas. Além do mais, garimpar a nossa memória é fazer o que passou ou está acontecendo reviver. No entanto, por mais simples que pareça, essa atividade pode se apresentar marcada por nostalgia para uns e realizadora para outros: enquanto nostalgia, lembrar é viver; enquanto realização, lembrar é se conhecer. Porém, sabemos que por meio da História, como conhecimento, não podemos reviver o ocorrido, mas apenas reconstruir dimensões do acontecido por meio dos vestígios do passado a que temos acesso, pois se a memória é a vida e sempre carregada por grupos vivos, como já foi dito, a História, por sua vez, é problematizante e conceitual. Conforme ressaltou o historiador francês Pierre Nora (1993, p. 9), “A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”, figurando como “uma representação do passado” por meio de uma operação intelectual e laicizante, que demanda análise, interpretação e discurso crítico, e “só conhece o relativo”.

Candido (2004, p. 55) ratifica o supradito acerca da Literatura ao apontar que:

[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo.

De modo sucinto, o historiador Valdeci Rezende Borges (2010) expõe que a História tem se apresentado como uma disciplina e como um processo social, enquanto a Literatura vem até nós como documento em forma de arte que traz em seu bojo uma historicidade própria. Historicidade pela qual podemos ler o tempo em que se passou a escrita, os personagens, o autor, a época.

Destarte, de acordo com Valdeci RezendeBorges (2010, p. 98):

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos [...] e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural, e, também, constituinte deste.

A Literatura é, portanto, uma fonte, um campo, um lugar, privilegiado para o historiador/pesquisador, pois lhe garante acesso diferenciado ao imaginário, permitindo que ele enxergue traços que outras fontes não lhe forneceriam. (MARTINS, 2015, p. 8)

Tanto a narração literária quanto a historiográfica pressupõe um processo e estratégias de organização da realidade, uma procura de uma coerência imaginada baseada na descoberta de laços e nexos, de relações e conexões entre os dados fornecidos pelo passado. Essa coerência – imaginada, fictícia – depende claro, parcialmente, dos próprios dados, mas também da

plausibilidade de uma significação possível, imaginada pelo escritor/historiador de tal maneira que o leitor possa reconstruí-la (LEMARIE, 2000, p.9-10, apud SANTOS, 2007, p. 121).

Em se tratando de Literatura, merece seu devido destaque o papel exercido pela representação que cada gênero literário quer nos mostrar. Nesse sentido, as representações através do discurso literário vão traçando lugares que colocam o seu leitor a par de uma identidade social. Quando o leitor se identifica com seu personagem, conseqüentemente ele está denunciando uma memória coletiva que é exercida sobre si.

Conforme destaca o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990, p. 98),

Para que a memória dos outros venha assim a reforçar e completar a nossa, como dizíamos, é preciso que as lembranças desses grupos não deixem de ter alguma relação com os acontecimentos que constituem o meu passado. Cada um de nós pertence ao mesmo tempo a muitos grupos, ou mais ou menos amplos.

Podemos também afirmar que a Literatura se vale como testemunha de lembranças e memórias que momentos ou outros tendem a cair no esquecimento, porém são resgatados pela escrita e se firma através do coletivo. De acordo com Halbwachs (1990, p. 62), nossas lembranças são a todo instante recordadas por outros, a história universal não é de um homem só. Toda memória individual é coletiva. Qualquer recordação de uma série de lembranças que se refere ao mundo exterior é explicada pelas leis da percepção coletiva.

Quando discutimos acerca da literatura seja ela brasileira ou estrangeira devemos nos atentar para o discurso reproduzido dos personagens. Por isso, se faz necessário essas análises assumidas por pesquisadores do campo da História para descobrir os impactos que a Literatura x ou y causa na sociedade ou ao público ao qual ela está sendo dirigida.

Como acontece com a personagem Carolina, o que presenciamos ao entrar em contato com seu livro autobiográfico está de acordo com a visão de mundo que a autora nos apresenta. Passamos, portanto, a enxergar na ótica

dela, principalmente sob sua fotografia do social das décadas de 30 e 40 do século passado. Assim, a Literatura não deixa de ser uma instituição social viva, como salienta Luis Felipe Ribeiro (2000, p. 97), que por nós deve ser vista como “[...] histórico, político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, a um só tempo. Sua realidade transcende o texto para assumir o discurso, que conta, minimamente, com as dimensões do enunciador, do enunciado e do enunciatário”.

Embora “[...] um livro de ficção não retrate personagens que existiram, o que se observa muitas vezes são livros que trazem situações que foram muito comuns à época em que o livro se passa, ou ainda personagens baseados em uma ou várias pessoas que de fato viveram”. (MARTINS, 2015, p. 4). Tendo em vista os apontamentos de Giovana Maria Carvalho Martins (2015), podemos considerar que Carolina enquanto menina residente em Sacramento presenciou um desdobramento da então nomeada Revolução de 30, ou Golpe de 1930, e mais tarde a escritora narra em seu livro as suas impressões acerca da movimentação que houvera na cidade mineira e em seu entorno.

De acordo com Lucia Lippi de Oliveira (1993, p.1), a Revolução pode ser definida como um:

Movimento armado iniciado no dia 3 de outubro de 1930, sob a liderança civil de Getúlio Vargas e sob a chefia militar do tenente-coronel Pedro Aurélio de Góis Monteiro, com o objetivo imediato de derrubar o governo de Washington Luís e impedir a posse de Júlio Prestes, eleito presidente da República em 1º de março anterior. O movimento tornou-se vitorioso em 24 de outubro e Vargas assumiu o cargo de presidente provisório a 3 de novembro do mesmo ano. As mudanças políticas, sociais e econômicas que tiveram lugar na sociedade brasileira no pós-1930 fizeram com que esse movimento revolucionário fosse considerado o marco inicial da Segunda República no Brasil.

Considera ainda que, é possível encontrar na literatura alguns autores que definiu o movimento como político e social. É possível observar que “[...] o grupo de políticos que preparou a Revolução, e principalmente sua liderança — Vargas e Antônio Carlos —, representa nada mais que a própria oligarquia contra quem lutam.” (OLIVEIRA, 1993, p. 102).

Para o historiador Noé Freire Sandes, (2009, p. 131), a Revolução representou, em dado aspecto, a vontade de conduzir o projeto político de uma nova organização da política brasileira. Esse levante surge estrategicamente como uma possibilidade de redefinição e continuidade do governo varguista e das “práticas políticas precedentes”.

Fausto (1972 apud, SANDES, 2003, p. 148) seleciona abordagens historiográficas das quais ele coloca em ultimato a relação do movimento com as classes sociais e organiza “um modelo interpretativo em que o Estado se coloca como mediador dos interesses em conflito.” De acordo com esse mesmo autor (1972), a denominada classe média e a operária não tiveram força suficiente a ponto de batizar a Revolução de 1930 como sendo burguesa. Por outro lado, quando Sandes (2003) aponta a reflexão que Barbosa Lima Sobrinho faz a cerca do mesmo movimento, nos deparamos com uma visão contrária à apontada por Boris Fausto, uma vez que “a revolução é analisada como movimento popular que empolgou a população e alcançou notável grau de radicalismo em algumas regiões do país.” (SANDES, 2003, p. 150)

Nas palavras de Carolina, “um dia amanheceu confuso, com as ruas cheias de soldados. Era a revolução. Eu conhecia só a revolução das formigas quando se locomovem. Mas a revolução dos homens é trágica. E uns matando os outros” (JESUS, 2014, p. 155). Longe de ser algo consuetudinário para Carolina, a Revolução se mostrou como algo violento e trágico, pois envolvia diretamente a vida das pessoas, a rotina da cidade e um alvoroço entre os moradores.

Entre os cidadãos de Sacramento era possível ouvir comentários a respeito da Revolução e da pessoa de Getúlio Vargas como destaca a autora: “Agora o Brasil vai ficar aos cuidados de um Homem! Este vai dar um impulso ao país. Somos um povo sem líder. Temos que despertar. O país não pode continuar deitado eternamente em berço esplêndido. O nosso país é muito atrasado.” (JESUS, 2014, p. 155). Além do mais Carolina ouvia comentários que o povo tecia ressaltando que o governo de Getúlio Vargas seria diferente, pois ele era considerado o fundador do Partido Trabalhista (PT), portanto haveria mais emprego para os brasileiros.

Entre as mulheres de Sacramento, a autora nos relata que podia-se ouvir alguns burburinhos a respeito daquele momento histórico que o país estava presenciando, fazendo exaltações e consagrando que se o “Brasil fosse sempre assim, isto aqui seria um paraíso.” (JESUS, 2014, p. 156). Embora o início tenha se apresentado dessa forma. Logo a população de Sacramento observou que a ordem e a disciplina que se percebia entre os militares já não se mostravam tão estabelecida assim, além da ideia falsa de mudança que outrora se apresentou evidente para o povo, agora estava explícito uma estratégia econômica e política mais a nível interno do governo do que popular.

Para os pobres, aquela Revolução era considerada a época das “vacas gordas”. (JESUS, 2014, p.157). Ou seja, para os alistados no exército haveria, por parte do governo, uma bonificação que permitiria o servidor ter algo depois que tudo se acalmasse, acreditando poder deixar algo para os filhos e familiares. Percebemos, portanto que uma cidade onde havia muitas pessoas pobres e desempregadas não enxerga a Revolução de 1930 como um golpe perpetrado por Getúlio Vargas à Júlio Prestes, mas como uma forma de melhorar irrisoriamente sua condição financeira através do bônus militar.

Embora o irmão de Carolina, Jerônimo Pereira, ao contrário dos outros jovens de Sacramento, não quis participar do alistamento para se juntar às forças que lutavam em prol da Revolução, pois alegava ter medo, no entanto, ele estava curioso para ver os soldados que se movimentavam pelas ruas. Como modo de ludibriar as forças armadas e ir assistir os militares, sem correr o risco de ser recrutado contra a vontade, o irmão de Carolina achou um meio para também poder sair às ruas sem ser notado enquanto homem. Ele toma emprestado da irmã um vestido, faz maquiagem, passa batom, coloca alguns colares e um lenço sobre a cabeça e sai na esperança de ver o que estava acontecendo lá fora.

Depois de um tempo, o irmão entra em casa correndo e todo esbaforido tentando se livrar das roupas femininas e procurando os seus trajes. O motivo era que uns soldados estavam procurando uma “mulata bonita” que havia passado por eles; a mãe de Carolina sabendo que a mulata na verdade era seu filho, logo deu um jeito de despistar os soldados dizendo que por ali não havia

passado ninguém com aquelas características ditadas por eles. Os soldados foram embora dizendo: “Que mulata bonita! Nunca vi coisa igual! Será que ela já é casada? Mulheres bonitas arranjam dono logo. Eu queria apenas olhar para ela, porque nós não podemos molestar as mulheres. A revolução não permite.” (JESUS, 2014, p. 157).

De acordo com o jornalista, escritor e biógrafo Tom Farias, Carolina, talvez em função do que viu e presenciou na época da Revolução, se tornaria uma vigorosa e valente getulista. Conforme Farias (2017), um de seus primeiros textos conhecidos, estes já escritos quando morava em São Paulo, será sobre sua admiração no que tange à pessoa de Getúlio Vargas.

Em meio ao cotidiano urbano, Carolina ouvia-se dizer que na Europa corria boatos que o negro no Brasil, por ter sido escravo, trabalhava de graça em troca de pinga e comida. (JESUS, 2014, cit., p.161). A visão do mundo exterior para com a população negra que residia no país distorcia a realidade local, pois pressupunha a existência uma de mão de obra barata que trocava sua força de trabalho por um salário baixo e mesquinho.

A lei Áurea ao contrário do que pensava a autora, (JESUS, 2014, p.81) não agraciou os pretos com a liberdade. A construção de ranchos na beira das estradas, justamente porque essas pertenciam ao governo e ninguém falavam-lhes nada, que levou-os a procurar um lugar para morar. O olhar de Bitita (apelido de infância de Carolina Maria de Jesus) acerca desse fator nos mostra a sua percepção ingênua provocada pelos defensores da limpeza étnico racial, instalada no país no período da “libertação dos escravos”.

Conforme destaca a cientista social e historiadora Célia Maria Marinho de Azevedo (1987, p. 21):

[...] o ex- escravo e seus descendentes saíram espoliados da escravidão e despreparados para o trabalho livre, incapazes, enfim, de se adequar aos novos padrões contratuais e esquemas racionalizadores e modernizantes da grande produção agrícola e industrial, tornando-se doravante marginais por força da lógica inevitável do progresso capitalista.

Certa feita quando a menina Bitita foi acusada de roubar umas mangas do quintal de Dona Faustina, sua vizinha, ela não titubeou em responder à vizinha que “Os brancos também são ladrões porque roubaram os negros da África”. (JESUS, 2014, p. 58). Entretanto, poucas pessoas tinham essa consciência histórica e social que Carolina demonstrava ter sobre a escravidão. Nas palavras de sua bisavó, dona Maria Abadia, os brancos de agora já estão ficando melhor para os pretos. Agora, por exemplo, eles atiram para amedrontar, antigamente atiravam para matá-los. (JESUS, 2014, p. 58).

“Apenas sorriam achando graça de ver os negros correndo de um lado para o outro. Procurando um refúgio, para não serem atingidos por uma bala”. (JESUS, 2014, p. 58). Portanto, os policiais que deveriam cumprir o papel de manter a segurança de todos e todas sem discriminação alguma, busca pelo contrário, perseguir e eliminar o negro da nossa sociedade.

Ao fim de suas observações acerca dos negros de Sacramento, Bitita conclui que, ao falarem que os negros agora estavam livres, ela logo pensava em que liberdade era aquela vivida por eles, onde a todo instante eles estavam correndo das autoridades como se fossem culpados de algo que nem mesmo ideia faziam, levando em consideração nos assassinatos sem explicação que a própria polícia perpetrava contra os negros. Carolina arremata: “Então o mundo já foi pior para os negros? Então o mundo é negro para o negro e branco para o branco!” (JESUS, 2014, p. 59).

Destarte concluímos que a linha que separa a Literatura e a História tem se apresentado cada vez mais tênue. Uma se entrelaça na outra e já não sinaliza repúdio ou desavenças dentro desses dois campos do saber como outrora se apresentou. As fronteiras da Literatura e da História já se entrecruzam, e esperemos que nesse entrecruzar muito conhecimento possa ser produzido e compartilhado. De outra forma caímos na possibilidade de reproduzir áreas sem diálogo, sem debate ou crítica, o que poderia contribuir para entrarmos em total anacronismo na leitura da sociedade e do mundo. Camilotti; Naxara (2009, p.16) apontam que:

Há questões incontornáveis quando se trata de refletir sobre as relações entre história e literatura na modernidade, tendo em

vista a fluidez das fronteiras que, mais do que separá-las, as aproxima. Ambas abordam temas comuns sob diferentes perspectivas, utilizam formas aproximadas para se concretizarem – a escrita em suas variadas dimensões.

Assim, os estudos que procuram na Literatura elementos históricos tendem a tornarem-se cada vez mais frequentes, pois possibilita refletir através de escritos e do exposto o universo literário. Podemos ver como Carolina em seu diário torna aquilo que era a princípio individual em algo universal, através da vivência de mundo da escritora, os que estão a sua volta também passam pelo crivo da análise e complementam suas memórias infanto-juvenis.

Referências

AZEVEDO, C. M. M. de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites-século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**. Goiânia: Ano 1, n. 3, pp.94-109, junho/2010.

BARONE, Leda Maria Codeço. Literatura e construção da identidade. **Revista Psicopedagogia**. v. 24, nº74, 2007, pp.110-6.

CAMILOTTI, V; NAXARA, Márcia Regina Capelari. História e Literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. **Revista História: Questões & Debates**. Curitiba: Editora UFPR, n. 50, pp.15-49, jan/jun 2009.

CANDIDO, Antonio. **O Discurso e a Cidade**. Editora Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro, 2004.

CANDIDO, Antonio O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul; 2004. p.169-91.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FRAZÃO, Dilva. **Carolina Maria de Jesus**. Escritora brasileira.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Zahar. Rio de Janeiro, 2012.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. v. 6, nº 11, 2014, pp. 39-53.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; Cainelli, Marlene Rosa. **O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história**. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>> Acesso em 13 de junho de 2018.

NEVES, Leonardo dos Santos; PINTO, Helder de Moraes L. **Narrativas autobiográficas como fonte de pesquisa para a história da educação em minas**. Disponível em <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/NARRATIVAS%20AUTOBIOGRAFICAS%20COMO%20FONTE%20DE%20PESQUISA.pdf>> Acesso em: 23 de junho de 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, 1993, pp. 07-28, dezembro.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de **.Revolução de 1930**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/revolucao-de-1930-3>> Acesso em: 17 de junho de 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RIBEIRO, Luis Filipe. Literatura e história: uma relação muito suspeita. **Geometrias do Imaginário**. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000

SANDES, Noé Freire. 1930: Entre a memória e a história. **História Revista**, v. 8, n.1/2, 2003, p. 143 - 158.

_____. O passado como negócio: o tempo revolucionário (1930). **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 43, 2009, p. 125 – 140.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. História e literatura: uma relação possível. **Revista científica /FAP**, Curitiba, v.2, 2007, p. 117-126, janeiro/dezembro.

Recebido em: 17.07.2019

Aprovado em: 1.08.2019